

CONSTRUÇÕES DE FOCALIZAÇÃO NA IMPRENSA INGLESA

Dalila Lopes

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto

Instituto Politécnico do Porto

Portugal

cc-iscap@iscap.ipp.pt

Sinopse

Este artigo consiste na análise do uso de construções de focalização na imprensa inglesa, utilizando como *corpus* a edição de 9 de Março de 2005 do jornal britânico *The Guardian, International Edition*. As construções de focalização aqui tratadas são basicamente as catalogadas por Erdmann (1990) e Tschida (1995). Todas as ocorrências tiradas do citado *corpus* são devidamente co-textualizadas, e comentadas em termos de sintaxe de frase e de texto.

Palavras-chave: Sintaxe de Texto; Focalização; Topicalização; Clivagem; Imprensa.

Introdução

As construções de focalização têm como função topicalizar determinados elementos do texto ou da frase. Em termos de sintaxe de texto, as principais construções de focalização encontram-se nos títulos e subtítulos e ainda em construções que topicalizam determinados constituintes de frases que retomam tópicos de parágrafos precedentes. Em termos de pura sintaxe de frase, as construções de focalização permitem topicalizar constituintes da frase. Para tal, há basicamente três processos: a codificação do elemento a focalizar como sujeito da frase, a deslocação para a esquerda da frase do elemento a topicalizar e transformações da frase matriz que permitam dar enfoque especial ao constituinte a topicalizar. Nestas últimas contam-se as ‘construções de apresentação’, com destaque para as construções de clivagem. Numa análise de um *corpus* oral, haveria ainda a considerar padrões de entoação, que constituem também meios de focalização. Porém, como a presente

análise se restringe a texto escrito, as questões de entoação como factor de focalização não serão abordadas.

A análise aqui apresentada tem como *corpus* a edição de 9 de Março de 2005 do *The Guardian, International Edition* (G), incluindo o suplemento G2 (G2).

Focalização nos Títulos

Os títulos da imprensa têm como função informar o leitor sobre o tópico do texto e atrair a sua atenção. Por razões de espaço, entre outras, devem ser o mais sintéticos possível; no entanto, dado ser necessário simultaneamente informar e atrair a atenção do leitor, raramente se consegue obter na imprensa títulos muito curtos, ao contrário do que acontece muito frequentemente com os títulos de textos de ficção. Assim (e ao contrário do que se verifica na ficção), são raros os títulos da imprensa constituídos por um sintagma nominal (SN), e, nas escassas ocorrências de títulos de imprensa constituídos por um SN, este é praticamente sempre seguido de um subtítulo com a estrutura de frase (F).

(1) *New life / 'It is almost like being a totally different person'* (G:3)

Contraoando-se a estes raros títulos constituídos por SN seguido de subtítulo com a estrutura de F, a maior parte das ocorrências é, de facto, de títulos com a estrutura de F, como, por exemplo,

(2) *Schools in healthy eating programmes do better in national tests* (G:3)

abundando títulos com a estrutura de F nas chamadas ‘formas economizantes’¹, i.e., aquelas em que se suprime o verbo de cópula:

(3) *Clarke ready to back down on terror bill* (G:1)

ou

¹ Polenz (1970: 251 e ss.)

(4) *Robinson angry over cup delay* (G:24)

Codificação do Tópico como Sujeito

Em línguas em que predomine a seriação sujeito+verbo+objecto (SVO), como é o caso do inglês, o sujeito, pelo facto de vir à cabeça da frase, é normalmente considerado como o tópico, entendendo-se por tópico, e em termos muito simples, ‘aquilo de que se fala’. Mas, se o sujeito-agente de uma frase matriz não for o constituinte que se pretende topicalizar, mas antes, por exemplo, o objecto-paciente da acção desencadeada pelo sujeito, pode topicalizar-se o objecto-paciente por meio da passivização, como em (5)

- (5) *The (entirely useless) practice of simply sticking a spoon in the neck of a bottle of leftover champagne seems to be the result of a mistake in translation. / **The proper technique was explained to me by a winemaking Frenchwoman.*** (G2:13).

Note-se que em (5) a passivização na frase a negrito permite topicalizar o segmento *the proper technique*, que, por sua vez, retoma o conteúdo do parágrafo precedente, constituindo assim simultaneamente uma técnica de sintaxe de frase e de texto. Em termos de sintaxe de texto, trata-se da chamada ‘referência extensiva’².

Um outro modo de codificar o tópico como S é através do uso de conversos (como, por exemplo, comprar/vender, dar/ receber, etc.)³. Não se regista nenhuma ocorrência deste tipo no *corpus* aqui em análise.

Deslocação para a Esquerda da Frase

Complementos de vários tipos, como objecto directo ou indirecto e ainda complementos de tempo, causa, lugar ou modo podem ser topicalizados pela sua simples deslocação para a primeira posição em F, sem que se verifiquem quaisquer

² Cf. Lopes (2001: 85 e passim).

³ Sobre os conversos, vide Lyons (1980).

outras alterações na frase matriz. É assim que em (6) é topicalizado um complemento de tempo

(6) *George Bush has nominated him [John Bolton] to be the next US ambassador to the United Nations. **During the first Bush administration**, Mr Bolton was number three at the state department [...]. (G: 17)*

e em (7) um complemento de lugar

(7) *I got changed, then the guards came in again [...]. They covered my eyes and I started to adjust to temporary blindness. [...] 'Keep quiet. They are going to come and look for you now [...] in 10 minutes'. [...] I had just started counting in my head when I heard a friendly voice: 'Giuliana, Giuliana, I'm Nicola, don't worry. [...] Relax, you're free.' / **In the car**, Nicola Calipari talked and talked [...]. (G2: 6)*

Tanto em (6) como em (7), a topicalização respectivamente dos complementos de tempo e lugar marca a contrastividade entre situações anteriores e as situações agora descritas. Também nestes dois exemplos, tal como em (5), técnicas de topicalização a nível de sintaxe de frase constituem simultaneamente técnicas de sintaxe de texto, promovendo a coesão textual, nos dois últimos exemplos por contraste.

Construções de Apresentação

Construções de apresentação⁴ resultam de transformações de uma frase matriz que permitam dar enfoque especial ao elemento a topicalizar. Entre as construções de apresentação contam-se aquelas em que se faz uma asserção explícita de existência, como em (8)

(8) *Capital Radio is considering swapping Century, its station in the east Midlands, instead of selling it now that it has cleared the final hurdle in its £711m merger with GWR. / [...] / **'There has been a lot of interest in***

⁴ Präsentative (Tschida, 1995:160) ou presentative constructions (Givón, 1983:34-35).

Century, although we haven't marketed it as we were waiting for the OFT to reach its final decision.'(G:14)

onde se topicaliza o elemento 'interest in Century', que assim passa a constituir não só o tópico da frase, como também de todo o parágrafo.

Um outro tipo de construções de apresentação consiste não na asserção explícita da existência do elemento a topicalizar, mas na sua introdução à cabeça da frase por meio de sequências como 'as for + [TÓPICO] +F', tal como em (9)

(9) *As for ITV, it simply left with a decidedly un-strategic 10% stake in a top club [...]* (G:13)

sendo o elemento assim topicalizado retomado seguidamente em F por meio de pronome pessoal (neste caso, 'it'). Este tipo de focalização marca contrastividade com tópicos de parágrafos anteriores, pelo que, mais uma vez, o processo utilizado entra simultaneamente no domínio da sintaxe de frase e da sintaxe de texto.

Dentro das construções de apresentação contam-se também, para além das construções já referidas, as construções de clivagem, tratadas no ponto seguinte.

Construções de Clivagem

Construções de clivagem são aquelas em que se opera uma cisão da frase matriz em duas frases, dando assim destaque ao elemento a topicalizar.

Dentro das construções de clivagem contam-se as chamadas 'it-clefts', como em (10)

(10) *Originally designed at German and French insistence to ensure fiscal rectitude within the eurozone, **it is those two core European economies that have broken the pact's deficit limit for the past three years** [...]* (G:13)

onde a clivada a negrito resulta da cisão em duas frases da frase matriz *those two core European economies have broken the pact's deficit limit for the past three years*.

Para além destas, as típicas 'cleft sentences', há também as chamadas 'pseudo-cleft sentences' ou 'wh-clefts', como em (11)

- (11) ***What we have today is a superpower unrealistically aspiring to a permanent world supermacy [...]*** (G:15)

Este tipo de clivadas pode também ocorrer de forma invertida, nas chamadas ‘inverted *wh*-clefts’ ou ‘marked *wh*-clefts’, o que resultaria, no exemplo (11) em *A superpower is what we have today (...)*.

Um terceiro tipo de construções de clivagem são as chamadas ‘*all*-sentences’, tal como em (12)

- (12) ***‘We are undervalued. We get no credit for running this business well for nine years, for making £33m profit and having £52m in the bank. All we get is everyone slagging us off.’*** (G:12)

em que a frase matriz subjacente à clivada a negrito seria *everyone is slagging us off*.

Um último tipo de construções de clivagem, a que poderíamos chamar clivadas com frase de cópula generalizante⁵, pode ser exemplificado por (13)

- (13) ***One of Wright’s last films was Francis Coppola’s The Rainmaker (1997), in which she [Teresa Wright] was outstanding as Miss Birdie.*** (G:19)

que corresponde à cisão em duas frases da frase matriz *she was outstanding as Miss Birdie in one of her last films, Francis Coppola’s The Rainmaker (1997)*.

Ao cindir uma frase matriz em duas, a clivagem funciona regra geral como um processo de ênfase de determinado elemento intra-parágrafo e não tanto inter-parágrafos, como na quase totalidade dos outros processos de focalização aqui descritos e exemplificados.

⁵ Vide Erdmann (1990:70).

Notas Finais

As construções de focalização aqui tratadas revelam-se como processos de focalização / topicalização / ênfase a nível de sintaxe de texto, de parágrafo(s) e de frase. O texto jornalístico, pelas suas características, constitui um terreno fértil para a análise destas construções. Por isso, e a partir desta pequena amostra com um *corpus* muito limitado, é de recomendar um trabalho mais vasto nesta área, não se limitando necessariamente apenas à imprensa inglesa, mas abrangendo também o estudo de construções de focalização na imprensa envolvendo outras línguas. Aliás, alguns trabalhos contrastivos, como o de Erdmann (1990) e Lopes (2001) que não têm como *corpus* de análise textos jornalísticos, parecem apontar para diferenças na frequência de uso dos diversos tipos de construções de focalização em diferentes línguas.

Quer se opte por trabalhar nesta matéria intra-língua, como no caso vertente, ou inter-línguas, como nos estudos acabados de referir, e se opte por um *corpus* constituído por textos jornalísticos quer por ou outros, convém frisar que as construções de focalização são apenas um elemento de sintaxe de texto. Para um trabalho mais abrangente de sintaxe de texto há que conjugar a matéria aqui abordada com o estudo dos tipos de retoma, dos conectores e da articulação tema-rema ou dos vários tipos de progressão temática presentes no *corpus* em análise.

Bibliografia

CASTELEIRO, João Malaca (1976/1979), 'Sintaxe e semântica das construções enfáticas com *é que*', in *Boletim de Filologia*, Tomo XXV, Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Pp. 97-166.

ERDMANN, Peter (1990), 'Fokuskonstruktionen im Deutschen und Englischen', in Gnutzmann, Claus (ed.) (1990), *Kontrastive Linguistik* (= forum Angewandte Linguistik, Band 19), Frankfurt am Main: Peter Lang. Pp.69-83.

GIVÓN, T. (1983), 'Topic Continuity in Discourse: An Introduction', in GIVÓN, T. (ed.) (1983), *Topic Continuity in Discourse. A Quantitative Cross-Language Study* (= Typological Studies in Language 3), Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins. Pp.1-42.

GREENBAUM, Sidney, QUIRK, Randolph (1990), *A Student's Grammar of the English Language*, Essex: Longman.

LOPES, Dalila (2001), *Retoma Pronominal e Nominal em Tradução Alemão-Português. Um Estudo em Linguística de Texto* (diss.), Braga: Universidade do Minho.

LYONS, John (1980), *Semântica I*, Lisboa: Presença.

POLENZ, Peter von (1970), *História da Língua Alemã*, Lisboa: Gulbenkian.

TSCHIDA, Alexander (1995), *Kontinuität und Progression. Entwurf einer Typologie sprachlicher Information am Beispiel des Französischen* (diss.), (= pro lingua Band 25) Wilhelmsfeld: Egert.